



José Gabriel Avila*

Leite ao preço da chuva: fim da monocultura da vaca?

“Para um leigo como eu, o que me assusta é que os governantes não demonstram preocupações de maior. À opinião pública garantem que tudo está controlado, como se as dívidas do estado não fossem para saldar à custa dos contribuintes...”

1. Nos últimos dias, ouve-se falar muito do aumento de reformas e pensões, do défice orçamental, da necessidade de utilizar as dotações financeiras da União Europeia (UE) no âmbito do Programa de Recuperação e Resiliência (PRR) e no necessário aumento das verbas dos estados membros para a defesa comum, das pesquisas da marinha russa em águas profundas para detetar cabos submarinos e também dos bilionários que farão parte da Administração Trump, sem competência para o exercício da função.

Por cá, fala-se das dívidas das Empresas e Instituto públicos regionais, no montante de 766 M€ e da dívida da Região que subiu para 3,6M€, valor que nenhum cidadão algum dia sonhou poder amealhar ao longo da vida.

Para um leigo como eu, o que me assusta é que os governantes não demonstram preocupações de maior. A opinião pública garantem que tudo está controlado, como se as dívidas do estado não fossem para saldar à custa dos contribuintes...

O dinheiro não dá para tudo. Por isso tem de haver decisões competentes, equitativas e justas sobre as prioridades, para que não se gere desintegração social e as instituições autonómicas não sejam desactivadas.

2. Longe vão os tempos em que os organismos representativas da Lavoura açoriana reivindicavam o aumento das quotas leiteiras para rentabilizar investimentos em equipamentos, na melhoria do efectivo bovino e das pastagens.

Dessa luta de anos resultou uma série de apoios comunitários que beneficiaram o sector leiteiro e contribuíram para a designação de região verde, despoluída, produtora de leite de qualidade comprovada na União Europeia.

Essa classificação, porém, não trouxe mais-valias aos pequenos agricultores. A maioria deles não atingiu um patamar social digno. Muitos tiveram mesmo de desfazer-se das suas manadas e virar-se para a produção de carne.

A monocultura da vaca, criticada por vários analistas económicos, foi sendo substituída, paulatinamente, pela produção de gado de carne. Muitos agricultores cessaram a actividade e os jovens que pensavam dedicar-se à agricultura não seguiram a tradição familiar.

O melhor exemplo da crise que se instalou na produção leiteira vem agora da Ilha Terceira e tem a ver com o baixo preço do leite em clamorosa diferença com o pago à lavoura micalense.

Porque os factores de produção de uma e outra ilha são praticamente idênticos, não compreendo que, ao abrigo da lei da oferta e da procura, o monopólio industrial se aproveite dessa situação, pagando preços irrisórios sem que uma entidade reguladora intervenha. Nem a própria Federação Agrícola dos Açores que, em tempos, assumiu posições reivindicativas para o desenvolvimento da lavoura regional, toma agora posição em defesa dos produtores de leite terceirense... Algo vai mal nesta actividade económica e no associativismo agrícola para que não estejam todos do lado da justa retribuição do preço do leite.

Será que foi a desunião que gerou o encerramento de cooperativas e de pequenas indústrias todas elas remodeladas ou construídas com verbas comunitárias, sem que daí se retirasse ensinamentos para os futuros investimentos e para o sector leiteiro no seu todo?

3. É verdade que a economia açoriana, desde que me recorde, tem balanceado entre actividades diversas que envolveram todas as ilhas e atingiram elevadas produções industriais e um significativo volume

de exportações.

A indústria da caça à baleia existente em todas as ilhas desenvolveu uma série de indústrias afins, nomeadamente: a construção naval, a pesca propriamente dita, a extracção de farinhas e de óleo exportado para a Europa.

Seguiu-se a indústria de conservas de atum que, ainda hoje, se mantém, embora de reduzida dimensão nas ilhas do Pico, de São Jorge e de São Miguel.

Aquela actividade pesqueira teve, a jusante, uma importante indústria de construção naval, cujos estaleiros souberam acompanhar a evolução das capturas, a arte e os equipamentos náuticos, a dimensão e o conforto das traineiras preparadas para deslocações prolongadas.

Desse saber fazer que a actividade marítima nos ensinou, o que nos resta para dar testemunho da uma actividade exportadora tão importante? Onde guardamos o cervo dessas memórias? Da caça à baleia, sim, existe. Mas da arte da pesca de salto e vara do atum, da actividade dos estaleiros navais e de alguma embarcação modelo, pouco ou nada resta, porque a maioria das traineiras foram abatidas.

O mesmo devia acontecer com a História da actividade agrícola e a produção leiteira. Não é destes sectores económicos que se constrói a nossa identidade? A nova indústria do turismo, certamente agradeceria. E antes que seja tarde.

O leite e o queijo que consumimos têm cada vez mais etiquetas de “produzido na UE”, enquanto os nossos ou são desvalorizados ou só constam do cardápio dos visitantes.



Manifestação de agricultores da Terceira (nov 2021)